

# A toponímia oficial e paralela na nomeação de praças de Cuiabá/MT

## The Official and parallel toponymy in the naming of squares in Cuiabá/MT

## La toponimia oficial y paralela en la denominación de plazas en Cuiabá/MT



**Soeli Bento Clementi**

Doutoranda em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil  
soeli\_bentoclement@yahoo.com.br



**Aparecida Negri Isquerdo**

Pesquisadora Sênior na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil  
aparecida.isquerdo@ufms.br

**Resumo:** Este trabalho discute resultados de um estudo sobre as toponímias oficial e paralela de 65 praças de Cuiabá/MT, localizadas na região mais antiga da cidade, quanto à taxionomia, estrutura morfológica e língua de origem (DICK, 1990, 1992). O estudo aponta que a toponímia oficial das praças é composta essencialmente por antropotopônimos e axiotopônimos com 80,95% de registros, o que revela influências das forças políticas, militares, religiosas e econômicas na denominação, enquanto a toponímia paralela não evidencia destaques significativos, pois, dos 65 topônimos analisados, 53,30% possuem topônimos paralelos distribuídos em 14 categorias taxionômicas, sendo a dos sociotopônimos a taxa mais produtiva (26,47%).

**Palavras-chave:** léxico; toponímia; onomástica; Cuiabá; praça.

**Abstract:** This work discusses the results of a study on the official and parallel toponyms of 65 squares in Cuiabá/MT, located in the oldest region of the city, in terms of taxonomy, morphological structure and language of origin (DICK, 1990, 1992). The study points out that the official toponymy of the squares is essentially composed of anthropotponyms and axiotponyms with 80.95% of records, which reveals influences of political, military, religious and economic forces in the denomination, while the parallel toponymy does not show significant highlights, since, of the 65 toponyms analyzed, 53.30% have parallel toponyms distributed in 14 taxonomic categories, with sociotponyms being the most productive tax (26.47%).

**Keywords:** lexicon; toponymy; onomastic; Cuiabá; praça.

**Resumen:** Este trabajo discute los resultados de un estudio sobre los topónimos oficiales y paralelos de 65 plazas en Cuiabá/MT, ubicada en la región más antigua de la ciudad, en términos de taxonomía, estructura morfológica y lengua de origen (DICK, 1990, 1992). El estudio señala que la toponimia oficial de las plazas está compuesta esencialmente por antropotopónimos y axiotopónimos con un 80,95% de registros, lo que revela influencias de fuerzas políticas, militares, religiosas y económicas en la denominación, mientras que la toponimia paralela no presenta destaques significativos, ya que , de los 65 topónimos analizados, el 53,30% tiene topónimos paralelos distribuidos en 14 categorías taxonómicas, siendo los sociotopónimos el impuesto más productivo (26,47%).

**Palabras clave:** léxico; toponímia; onomástico; Cuiabá; cuadrado.

Submetido em 12 de setembro de 2022.

Aceito em 24 de janeiro de 2023.

Publicado em 14 de abril de 2023.

## Introdução

Por meio da linguagem, o homem desenvolve a aptidão para simbolizar que, no dizer de Benveniste (1991, p. 64, grifo do autor), é “a capacidade de formular e de interpretar um ‘signo’ que remete a uma certa ‘realidade’, a memória da experiência e a aptidão para decompô-la”. A língua é resultado da interação social e, ao permitir ao homem materializar seu pensamento, reflete a representação do mundo em que ele vive. Nesse sentido, “o caráter da língua é o de propiciar um substituto da experiência que seja adequado para ser transmitido sem fim no tempo e no espaço” (BENVENISTE, 1991, p. 65). Nesse contexto, na aquisição de uma linguagem, adquire-se, também, a tradição, os costumes, o fazer material e imaterial, a história e todas as conquistas do grupo ao qual o falante/ usuário está inserido.

Particularmente, o léxico traduz a relação da língua com a sociedade e com a cultura dessa mesma sociedade. Conforme Biderman (1998, p. 91), “o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”. Sendo o conhecimento um processo constante de mudanças que se reflete na língua, o nível lexical é o que mais claramente absorve os aspectos socioculturais de uma comunidade. Nesse particular, Isquerdo e Oliveira (2001, p. 9) asseveram que o léxico “constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural [e, desse modo,] representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo”.

Nesse sentido, à medida que os grupos sociais vão modificando os seus anseios, o modo de pensar, agir e sentir, ou seja, conforme os seus valores vão sendo modificados, envoltos na cultura, o acervo lexical desse grupo também tende a sofrer modificações (ajustes/trocas), considerando-se que o léxico de uma língua é testemunho de que o falante pertence a um grupo maior de pessoas que exercem atividades comuns, utilizam uma gama de recursos comunicativos disponíveis a esse grupo.

Em razão disso, em termos científicos, o léxico de uma língua pode ser estudado pela Lexicologia, que tem como objeto de es-

tudo a palavra, a categorização e a estruturação do léxico; pela Lexicografia, que se ocupa do tratamento lexicográfico do acervo vocabular da língua; pela Terminologia, que estuda as unidades lexicais específicas das áreas de especialidades, os termos; pela Fraseologia, que analisa as unidades complexas, tanto no vocabulário comum quanto do de especialidade. Além disso, na esfera dos estudos lexicais, situa-se também a Onomástica, ciência que tem como objeto de estudo os nomes próprios de uma língua, desdobrando-se em diferentes subáreas, dentre as quais a Antroponímia, que estuda os nomes próprios de pessoas e a Toponímia, que se ocupa dos nomes próprios de lugar (DICK, 1992, p. 16).

Este trabalho tem como objetivo analisar a toponímia oficial e paralela que nomeia 65 praças da cidade de Cuiabá, capital de Mato Grosso, localizadas na região mais antiga da cidade, no que diz respeito à língua de origem, à motivação (categorias taxionômicas), a possíveis causas denominativas e à estrutura morfológica (DICK, 1990, 1992, 1997), bem como observar possíveis mudanças ocorridas na denominação das praças selecionadas, da fundação da cidade de Cuiabá aos dias atuais.

## Pressupostos teóricos

Este trabalho se insere no ramo da Onomástica, uma ciência do século XIX, subárea Toponímia, vinculada à Linguística, que possui relações estritas com a Lexicologia, a Lexicografia, a Morfologia, a Semântica, a Geografia, a História, a Antropologia, dentre outros ramos do saber. De acordo com Isquerdo (2008, p. 36-37), o topônimo pode ser estudado pelo viés linguístico, quando são abordados os aspectos da classificação taxionômica; da etimologia; da estrutura do sintagma toponímico; da língua de origem e pelo viés extralinguístico, quando considerados na análise fatores do ambiente sociocultural.

O nome próprio, na função de topônimo, é um signo de língua, não totalmente arbitrário, conforme os postulados de Saussure (2012), mas com traços motivacionais, à medida que transparece

tanto aspectos geográficos quanto da cultura material e imaterial do espaço nomeado. Segundo Dick (1990, p. 34),

[...] ainda que, na língua, o signo participe, genericamente, de uma natureza convencional de significação, ao se aplicar o mesmo princípio à Toponímia notar-se-á uma diversidade de aspecto: o elemento linguístico comum, revestido, aqui, de função onomástica ou identificadora de lugares, integra um processo relacionante de motivação onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada.

Há que se considerar ainda que o topônimo é uma unidade lexical advinda do léxico comum da língua que, ao nomear um lugar, é dotado de um significado particular e que, de acordo com sua carga semântica, pode ser classificado em categorias distintas, no caso, em taxionomias toponímicas que se associam ao universo natural ou sociocultural.

O estatuto do nome próprio tem despertado o interesse de estudiosos desde épocas remotas. Conforme Amaral e Seide (2020, p. 39), “historicamente, os nomes próprios têm maior peso nos estudos de áreas diferentes da Linguística”, por exemplo, na área da Psicologia, da Psicopedagogia, da História e da Antropologia, entre outras.

A Toponímia teve os seus estudos pioneiros na França com Longnon, por volta de 1878, ao estudar os nomes próprios de lugares de forma regular. Dauzat (1926, 1946), por sua vez, influenciado pelos estudos de Longnon, ampliou as pesquisas em Toponímia, na França, contribuindo para a consolidação da disciplina ao publicar diversas obras sobre o assunto, dentre outras, *La Toponymie Française* (1946) e *Les noms de lieux: origine et évolution, villes et villages, pays, cours d'eau, montagnes, lieux-dits* (1926), obras significativas para a divulgação dos estudos em Onomástica e para a expansão de pesquisas, particularmente as voltadas para a Toponímia.

No Brasil, contemporaneamente, destacam-se as contribuições de Dick (1990, 1992). Inicialmente, a Toponímia, “tinha seu interesse centrado mais nas línguas da terra, especialmente no tupi antigo, do que no próprio elenco denominativo do português” (DICK, 2006, p. 94), já que as primeiras investigações sobre os nomes de lugares se deram a partir de Sampaio (1901), com a obra *O Tupi na Geografia Nacional*, que versa sobre a influência indígena tupi na toponímia brasileira. Na cronologia dos estudos toponímicos pioneiros no Brasil, destacam-se também as obras de Cardoso (1961), com *Toponímia Brasília* e de Drumond (1965), com a *Contribuição do Bororo à toponímia brasileira* que, apesar de manterem como objeto de interesse as línguas da terra, ampliam o elenco de línguas indígenas que não o tupi em seus estudos investigativos. Drumond (1965) pesquisou os nomes de lugares provenientes do Bororo, enquanto Cardoso (1961) estudou a toponímia dos povos Caribe e Aruaque em termos de etimologia e de significados.

Todavia, foi com a Tese de Doutorado de Dick (1980)<sup>1</sup> que os estudos toponímicos foram impulsionados e direcionados para a formatação em que se encontram no estágio atual. A toponimista brasileira elaborou um modelo taxionômico para subsidiar a classificação dos topônimos quanto à motivação, contendo, inicialmente, 19 taxes, concebidas com base em motivações toponímicas identificadas no seu *corpus* de estudo formado com topônimos brasileiros.

Todavia, conforme expõe Dick (1992, p. 27) na Tese, “era difícil abranger, de plano, nas 19 taxionomias primitivas, todas as possibilidades contidas na nomenclatura geográfica brasileira”. Assim, Dick (1992) reformula o seu modelo teórico, que passou a englobar 27 taxionomias permanecendo a divisão em Taxionomias de Natureza Física<sup>2</sup> reveladoras dos aspectos do mundo natural – hidrografia, fauna, flora, relevo, localização etc. – e Taxionomias de Natureza Antropocultural<sup>3</sup> que descortinam aspectos sociais, históricos e culturais, estado emocional, sentimentos, nomes de pessoas, lugares, títulos etc.

1 *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. Princípios teóricos e modelos taxionômicos (1980), publicada em 1990 com o título de *A motivação toponímica e a realidade brasileira*.

2 Astrotopônimos, Cardinotopônimos, Cromotopônimos, Dimensiotopônimos; Fitotopônimos; Geomorfotopônimos; Hidrotopônimos; Litotopônimos; Meteorotopônimos; Morfotopônimos; Zootopônimos (DICK, 1992).

3 Animotopônimos (ou Nootopônimos), Antropotopônimos, Axiotopônimos, Corotopônimos, Cronotopônimos, Ecotopônimos, Ergotopônimos, Etnotopônimos, Dirrematotopônimos, Hierotopônimos: (Hagiotopônimos, Mitotopônimos), Historiotopônimos, Hodotopônimos, Numerotopônimos, Poliotopônimos, Sociotopônimos, Somatotopônimos (DICK, 1992).

De acordo com a toponimista, “nomes cuja origem revela uma filiação a elementos vegetais ou minerais foram denominados fitotopônimos e litotopônimos, respectivamente” (DICK, 1990, p. 26). A taxa dos Zootopônimos, por exemplo, pertence à Taxionomia de Natureza Física e se aplica a nomes de lugares, montanhas, cordilheiras, rios etc., motivados por nomes de animais como boi – *Rio do Boi* (MG); onça – *Lagoa da Onça* (RJ); cobra – *Cascavel* (PR); caititu – *Córrego Caititu* (Nobres - MT); porcas – *Ribeirão das Porcas* (Nobres - MT), dentre outros.

Os antropotopônimos, por seu turno, integram as Taxionomias de Natureza Antropocultural que abrigam nomes de pessoas que nomeiam lugares como rios, montanhas, cidades, praças, ruas etc., como ocorre com *Cáceres* (Mato Grosso); *João Pessoa* (Paraíba); *Rio Arinos* (Nobres - MT); *Rua Getúlio Vargas* (Cuiabá - MT); *Praça Moreira Cabral* (Cuiabá - MT), dentre outros.

O sintagma toponímico, conforme Dick (1990, p. 10), resulta da soma do elemento genérico (geográfico) que recebe a denominação e o elemento específico (topônimo) que particulariza e identifica o espaço como é possível observar em casos de nomes de praças de Cuiabá, como *Praça da República*, *Praça Conde de Azambuja*, *Praça Moreira Cabral* etc.

## A fonte de dados na pesquisa toponímica: o caso da toponímia paralela

A Toponímia fixou-se como estudo dos nomes próprios de lugar, com a atenção voltada para as propriedades etimológicas dos nomes. Considerando que o nome próprio possui muitas intercorrências para muito além de nome de lugar, a Toponímia expandiu-se e abriga o estudo de uma gama diversificada de nomes de lugares como objeto de estudo. Além do nome próprio de lugar de qualquer origem, ocupa-se também de nomes de edifi-

cios, de fontes, chafarizes, lojas, praças, símbolos de uma comunidade, dentre outros.

Em decorrência da ampliação de concepção do objeto, expandem-se também as fontes de dados dessa disciplina e, “ao alargarem-se as possibilidades de coletas de dados onomásticos, o trabalho de campo se inscreve dentre os pontos possíveis de utilização” (DICK, 2006, p. 97). Assim, a par das cartas topográficas e dos mapas, dentre os quais os oficiais fornecidos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), fontes primárias para as pesquisas toponímicas, os estudos toponímicos podem ter como fontes também dados orais obtidos por meio de entrevistas. Trata-se da toponímia paralela não registrada em documentos oficiais, cujo registro exige a busca de dados por meio também de consulta a documentos fornecidos pelos órgãos oficiais, obras históricas e especialmente entrevistas com pessoas que residem nas proximidades do espaço geográfico em estudo. Segundo Dick (1990, p. 49),

[...] há um consenso unânime entre os toponimistas de pesquisar as origens da denominação em duas fontes principais, uma, reputada espontânea ou popular, sem uma autoria identificável à primeira vista, porque nascida no seio da população e não individualizada; e, outra, conhecida como sistemática ou oficial, atribuída aos descobridores, aos dirigentes ou ao poder de mando, legitimamente constituído, ou não.

Viera (2000), por sua vez, considera a nomeação paralela como a que congrega topônimos que, embora à margem de documentos oficiais, permanecem vivos, denominando lugares, povoados, vilas, rios e, no caso do objeto deste estudo, as praças, convivendo, ora pacificamente com a toponímia oficial, ora substituindo-a. Topônimos dessa natureza têm como único recurso para sua permanência o uso diário no âmbito de uma comunidade. Por não ter documentação escrita, é uma toponímia sujeita ao desapa-



recimento e, com o distanciamento no tempo, as motivações que originaram o topônimo tendem a perder-se no tempo.

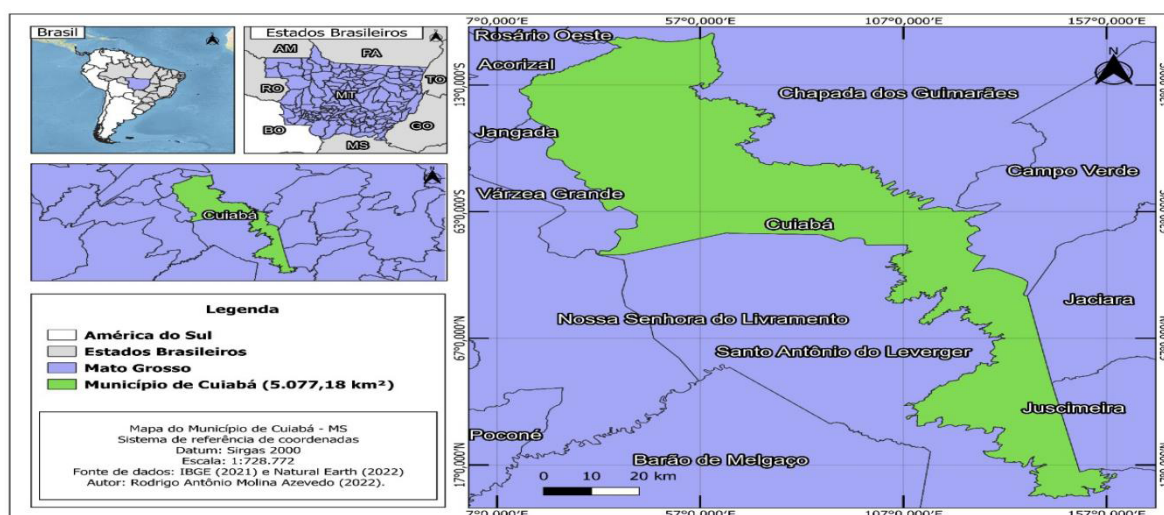
A perpetuação da toponímia paralela depende muito da memória coletiva dos habitantes da localidade, também com a possibilidade de desaparecimento, com as mudanças de gerações e de interesses, o que aponta para a importância de pesquisas sobre topônimos dessa categoria. O signo toponímico perde, assim, a transparência quando há mudanças no núcleo de usuários.

No caso deste estudo, considera-se necessário o levantamento, o estudo e a análise semântica da toponímia paralela que nomeia praças de Cuiabá por ser ela, em muitos casos, a mais disseminada ou, até mesmo, a única conhecida pelos moradores da cidade.

## A cidade de Cuiabá – questões históricas

Cuiabá é a capital de Mato Grosso, estado que se localiza na região Centro-Oeste do Brasil (Figura 1).

Figura 1 – Mapa da cidade de Cuiabá em diferentes representações.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

A cidade de Cuiabá e os doze municípios que surgiram às margens do rio Cuiabá e de seus afluentes integram à denominada *Baixada Cuiabana*, *Planície de Cuiabá* ou *Vale do Cuiabá* e apresen-

tam características etnolinguístico-culturais similares que se mantiveram até a segunda metade do século XX.

O processo de formação de Cuiabá se deu em consequência do movimento desbravador das Bandeiras paulistas com o intuito de solucionar duas carências econômicas das regiões litorâneas do país: serviço (mão-de-obra escrava) e produtos (pedras preciosas). O povoamento das terras brasileiras, em um primeiro momento, ocorreu na faixa litorânea, ficando o seu interior ocupado por comunidades indígenas de diversas etnias. Nessa conjuntura, Cuiabá e toda a região central do Brasil, mesmo após o descobrimento, permaneceram isoladas das demais áreas do país por quase 300 anos.

As minas de ouro na região de Cuiabá motivaram o início de seu povoamento por pessoas de diversas regiões da então Colônia, entretanto, conforme Holanda (1976, p. 56), “o ouro cuiabano começara a perder muito do prestígio tão rapidamente conquistado. As minas só eram opulentas na superfície e nada se fizera para melhorar os processos empregados em sua exploração”. Quando do esgotamento das minas, a região já estava povoada por povos de etnias distintas como africanos escravizados, povos indígenas e o branco vindo de outras localidades do país.

A cidade apresenta, nos dias atuais, uma densidade demográfica de 618.124 habitantes, distribuídos em uma área territorial de 3.291,696km<sup>2</sup> e está localizada à margem direita do rio do mesmo nome que foi a rota das bandeiras paulistas, o primeiro caminho fluvial entre São Paulo e Mato Grosso.

A área urbana da cidade de Cuiabá está subdividida em localidades (loteamentos regulares, loteamentos clandestinos, assentamentos informais, núcleos habitacionais, condomínios, desmembramentos) contidas em 117 bairros (IPDU, 2010). Este trabalho tem como objetivo o estudo dos nomes oficiais e paralelos de 65 praças distribuídas por 15 bairros da capital, examinando aspectos como a motivação, a estrutura morfológica, a língua de origem e a causa denominativa, pautando-se, para tanto, em Dick (1990, 1992). O *corpus* analisado contempla os topônimos que nomeiam os ambientes

de praças situados na região mais antiga da cidade e, portanto, são espaços perfeitamente definidos pelo Plano Diretor da capital.

Os dados relativos à toponímia oficial foram obtidos por meio de consulta a mapas oficiais fornecidos pela SMDU (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano) (SMDU, 2009), enquanto as informações relacionadas à toponímia paralela foram documentadas por meio de entrevistas com moradores antigos residentes nas proximidades das praças, comerciantes, vendedores ambulantes e de consulta à obra de Barreto (2015), que traz informações históricas acerca da nomeação das primeiras praças de Cuiabá (1777).

## Análise e discussão dos dados

De acordo com o documento expedido pelo IPDU (Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano), “até o início da década de 70, a área urbana de Cuiabá não se estendia para muito além do limite físico definido pelo anel viário da Perimetral (Avenida Miguel Sutil)” (IPDU, 2007, p. 31). Das 65 praças que compõem este trabalho, 31 apresentam data de fundação no ano de 1973, mesmo período de oficialização dos primeiros bairros de Cuiabá, localizados no Centro Histórico da cidade, onde se situam as praças.

De acordo com Houaiss (2009), a unidade lexical praça nomeia áreas públicas essencialmente urbanas surgidas para atender a necessidades coletivas de lazer, descanso, atividades econômicas de compra e venda de produtos, decisões coletivas, entre outros. Nesse contexto e considerando que a data de fundação de Cuiabá acontece no século XVIII, como também as motivações que provocaram a necessidade de surgimento de praças, pode-se inferir que o ano de 1973 serve somente como marco temporal para fins de normatização de espaços cuja existência coincide com a fundação da cidade, quando não havia a necessidade de se legislar a respeito do processo de urbanização. É o que demonstram os dados reunidos no quadro a seguir.

## As praças mais antigas de Cuiabá e os seus nomes

As seis primeiras praças de Cuiabá estão ligadas às festividades oficiais: *Largo do Palácio*; ao contexto religioso como pátios de duas importantes igrejas católicas da capital: *Largo da Sé* e *Colina do Rosário*, atualmente *Igreja Matriz* e *Igreja São Benedito*; espaço próximo ao cemitério mais antigo da capital: *Largo da Boa Morte*; ao local de venda coletiva de leguminosa importante para a economia local à época, *Largo da Mandioca*; e ao contexto de escravidão: *Largo da Forca*, conforme se apreende pelos nomes registrados no quadro que segue.

Quadro 1 – Cronologia dos nomes das praças mais antigas de Cuiabá (1777-2022), segundo Barreto (2015).

1777	1825	1850	1871	1874	1890	2022
Largo da Sé ou Pátio da Sé	-	-	-	Praça Bispo D. Carlos	Praça Bispo D. Carlos	Praça da República
Largo da Mandioca	Largo da Mandioca ou Praça Real	Largo da Mandioca ou Praça Real	Largo da Mandioca ou Praça Real	Largo da Mandioca ou Praça Real	Praça Conde de Azambuja	Praça Conde de Azambuja
Largo da Forca	Rua Campos do Ourique	Praça do Alegre	-	-	-	Praça Moreira Cabral
-	-	Largo da Conceição ou Mundeuzinho	Largo da Conceição ou Mundeuzinho	Largo da Conceição ou Mundeuzinho	Praça Bispo Dom José	Praça Bispo Dom José
-	-	Largo Cruz das Almas	Largo Cruz das Almas	Largo Cruz das Almas	Praça Marquês de Aracaty	Ipiranga
-	Cacimba do Soldado	Cacimba do Soldado	Cacimba do Soldado	Cacimba do Soldado	Praça Santa Rita	Praça Rachid Jaudy

Largo do Palácio	-	-	-	-	-	Praça Alencastro
Colina do Rosário	Largo do Rosário	-	-	-	Praça do Rosário	Praça do Rosário
Largo da Boa Morte	-	-	-	-	Praça da Boa Morte	Praça Antônio Corrêa da Costa

Fonte: Elaboração das autoras com base em Barreto (2015) e IPDU (2010).

A cronologia apresentada por Barreto (2015) fornece informações lógicas e importantes como a data da fundação das primeiras praças de Cuiabá no ano de 1777, quase 60 anos após a fundação da cidade (1719), porém muito anterior à oficialização que só acontece no ano de 1973. É o que ocorre com os topônimos *Largo da Sé*, *Largo da Mandioca*, *Largo da Força*, *Largo Alencastro*, *Largo do Palácio*, *Colina do Rosário* e *Largo da Boa Morte*. Já a *Praça Rachid Jaudy (Cacimba do Soldado)* tem como data de fundação o ano de 1825, enquanto as praças *Bispo Dom José* e *Ipiranga* apresentam data de fundação no ano de 1850.

Conforme os dados de Barreto (2015), tanto o elemento específico quanto o genérico do sintagma toponímico passaram por mudanças, considerando a sincronia que compreende a data da constituição das praças até os dias atuais. Os dados revelam que, de início, os topônimos apresentavam características de uma gênese espontânea, passando por renomeações impostas por ações burocráticas da administração. Em *Largo da mandioca*, *Largo da Força*, *Cacimba do Soldado*, *Largo Cruz das Almas*, *Colina do Rosário*, *Largo da Boa Morte*, *Largo do Palácio* e *Largo da Sé* transparecem elementos do ambiente físico e sociocultural do espaço nomeado.

As mudanças operadas ao longo do tempo transformaram a feição dos nomes das praças, surgindo topônimos que homenageiam personalidades do campo da política, da religião, das atividades econômicas – como em *Conde de Azambuja*, *Moreira Cabral*,

*Bispo Dom José, Antônio Corrêa da Costa, Alencastro, Rachid Jaudy* – como também acontecimentos históricos de abrangência ampla, fenômenos evidenciados nos topônimos *República* e *Ipiranga*. *Do Rosário* foi o único designativo de praça que não se alterou ao longo de 300 anos, figurando como topônimo oficial e efetivo na memória dos habitantes.

## O elemento genérico do sintagma toponímico na configuração das praças de Cuiabá/MT

Conforme as informações fornecidas por Barreto (2015), o elemento genérico do sintagma toponímico também passou por alterações no decurso de aproximadamente três séculos. Assim, o nome inicial largo alterou-se para praça, denominação contemporânea. Houaiss (2009) informa que a unidade lexical praça tem origem no latim vulgar *plattea*, um substantivo feminino surgido no século XIII na acepção de “área pública sem construção dentro de uma cidade [cujos sinônimos são] rua larga, pátio ou largo; local aberto onde se compra e se vende; mercado, feira; lugar fortificado; fortaleza; área urbana arborizada e /ou ajardinada, para descanso e lazer, jardim público” (HOUAISS, 2009, p. 1534).

No *Dicionário Histórico do Português do Brasil*, a unidade léxica *praça* aparece com as primeiras datações com o significado de “local público onde se faz comércio”, no ano de 1587, no documento *Descrição Topographica da Bahia* (Parte Segunda - título 2) de Gabriel Soares de Sousa (BIDERMAN; MURAKAWA, 2021). Já para largo, Houaiss (2009), na sua primeira acepção, identifica essa unidade lexical como um adjetivo do século XIV, do latim *largus*, no sentido de “abundante, rico, generoso, solto” (HOUAISS, 2009, p. 1158).

Biderman e Murakawa (2021), por sua vez, com base no *corpus* do Português Colonial, apresentam a unidade lexical largo com duas entradas. Na primeira, como adjetivo com a acepção de “que é grande, considerável em tamanho” (BIDERMAN; MURAKAWA, 2021, n. p.), registro extraído da carta de 1556, do padre Manuel da Nóbrega ao padre Inácio de Loyola. Na segunda entrada, lar-

go figura como substantivo na acepção de “praça pública” (BIDERMAN; MURAKAWA, 2021), com base no registro no documento *Parte III - Aureo Throno Episcopalis - 1. Reprodução Fotografada da Edição PRÍNCIPE* (1784) (BIDERMAN; MURAKAWA, 2021).

Em Aulete (2011, p. 1095), a unidade lexical praça, na primeira acepção, é definida como “espaço público, ger. com assentos, coretos, plantas ornamentais, etc. destinado ao lazer e ao descanso”, sinônimo de jardim público. E, na segunda acepção, como “espaço público cercado de edifícios” (AULETE, 2011, p. 1095), sinônimo de largo. Na versão digital, o item lexical praça é definido como “lugar público, grande largo ordinariamente rodeado de edifícios, para embelezamento de uma cidade, vila, etc., e como meio higiênico para melhor circulação do ar e plantação de árvore” (AULETE, 2008), enquanto largo é classificado como adjetivo traduzindo aspectos de dimensão como espaçosos, abundantes, folgado, demorado, detalhado etc. (AULETE, 2008).

Conforme as informações dos dicionários, ao longo de dois a três séculos, no Brasil, o item lexical largo, que designava um aspecto de uma dada área, passou a nomear o referente, assumindo a categoria do substantivo. Nota-se, ainda, que em se tratando do item lexical praça, embora tenham registros anteriores à forma lexical largo, no *corpus* em estudo (nomes de praças antigas de Cuiabá/MT), o seu uso para nomear o referente em questão só se consolidou alguns séculos depois. A mudança operada, como podemos comprovar em Aulete (2011, 2008), partiu do substantivo praça, que passou a incorporar semas do adjetivo largo, tornando-o sinônimo, operando-se, por esse meio, a mudança de classe gramatical.

### Topônimos oficiais e paralelos: possíveis relações

Das 65 praças cujos nomes compõem o *corpus* deste estudo, duas são identificadas somente por topônimos paralelos (Praça do *Facilita* e Praça do *Dirceu*); 32, tanto com topônimos oficiais quanto paralelos, e 31 praças possuem somente denominação oficial, conforme o quadro a seguir.

Quadro 2 – Topônimos oficiais e paralelos na nomeação de praças na cidade de Cuiabá/MT.

Elemento genérico	Toponímia Oficial	Elemento Genérico	Topônimo Paralelo
<b>Bairro Centro Norte (1973)</b>			
Praça	Alencastro	-	-
Praça	República, da	-	-
Praça	Caetano de Albuquerque	Praça	Rasqueado, do
Praça	Doutor Alberto Novis	Beco	Candeeiro, do
Praça	Dona Euphrosina Hugueney de	Beco	Candeeiro, do
Praça	Rachid Jaudy	-	-
Praça	Antônio Correa	Praça	Boa Morte, da
Praça	Conde de Azambuja	Praça	Mandioca, da
Praça	Visconde de Taunay	-	-
<b>Bairro do Quilombo (1973)</b>			
Praça	Presidente Carlos Luz	-	-
Praça	Oscar Brandão	-	-
Praça	João Balduino Curvo	Praça	Sinjão
Praça	General Mallet	Largo	Esquadrão, do
Praça	Santos Dumont	Bosque	Municipal
Praça	Mitsuo Daima	Pracinha	Santa Helena, do
Praça	Alice de Lima Grisólia	Praça	Polícia Feminina, da
<b>Bairro Araés (1973)</b>			
Praça	Mestre Inácio	-	-
Praça	Tuffk Afif	-	-
Praça	Ermete Ricci	Área	Lazer, de
<b>Bairro Duque de Caxias (1973)</b>			
Praça	Sávio Brandão	-	-
<b>Bairro Popular (1988)</b>			
Praça	8 de Abril	Praça	Choppão, do
Praça	Tenente Antônio João Ribeiro	Praça	Antigo Caçarola
Praça	Pres. Eurico Gaspar Dutra	Praça	Popular
<b>Bairro Jardim Cuiabá (1973)</b>			
Praça	Manoel Miráglia	Praça	Jardim Cuiabá
Praça	-	Praça	Facilita, do
Praça	-	Praça	Dirceu, do



Praça	Lyons Internacional	-	-
<b>Bairro Goiabeira (1973)</b>			
Praça	Clóvis Cardoso	-	-
Praça	Manoel Murтинho	Praça	Cai-Cai, do
Praça	Falcãozinho	Praça	-
	Mário Augusto de Pinho	Praça	Abel Marques
<b>Bairro Cidade Alta (1973)</b>			
Praça	Pe. Sebastião Teixeira de Carvalho	Praça	Inconfidência, da
<b>Bairro do Porto (1973)</b>			
Praça	José Pinto	-	-
Praça	Cohab Nova Cuiabá	-	-
Praça	Esportiva Tenente Pedro Moreira	-	-
Praça	Maria Ricci	-	Lagoa, da
Praça	Luís de Albuquerque	Praça	Porto, do
Praça	Major João Bueno	Praça	-
<b>Bairro Centro Sul (1973)</b>			
Praça	Benjamin Constant	Praça	Arsenal, do
Praça	Almirante Barroso	Ralinha	Coronel, do
Praça	Pe. Firmo Pinto Duarte Filho	-	-
Praça	Moreira Cabral	Campo	Ourique, do
Praça	Ipiranga	-	-
<b>Bairro Dom Aquino (1973)</b>			
Praça	Maria Taquara	-	-
Praça	Bispo Dom José	-	-
Praça	Seminário, do	-	-
Praça	João Batista de Almeida	Praça	Pedra, da
Praça	Professora Isabel Abalén Sant'ana	-	-
Praça	Benjamin Eubank	Praça	Secretaria de obras, da
Praça	Ana Poupino	-	-
Praça	Severino Bispo da Silva	Campinho	Areia, de
Praça	Santa Terezinha	-	-
Praça	Nossa Senhora Auxiliadora	Praça	São José Operário
Praça	Gonçalo de Almeida Botelho	Praça	Bica, da
<b>Bairro do Poção (1973)</b>			
Praça	Motoristas, dos	Praça	Farinha, da

<b>Bairro da Lixeira (1973)</b>			
Praça	Francisco Morais de Oliveira	-	-
Praça	Jaime de Figueiredo	-	-
Praça	Rosário, do	-	-
<b>Bairro Do Baú (1988)</b>			
Praça	Dona Rosinha Galvão	Praça	Dona Eulália
Praça	Teodoro Paulino do Espírito Santo	Praça	Baú, do
Praça	Mãe Preta	-	-
<b>Bairro dos Bandeirantes (1973)</b>			
Praça	Bandeirantes, dos	-	-
Praça	Ana Maria May do Couto	-	-
Praça	Oscar Soares	Córrego	Caixão, do
Praça	Assis Chateaubriand	-	-

Fonte: Elaborado pelas autoras com base no IPDU (2007, 2010) – CUIABÁ.

Considerando as informações de Barreto (2015) e as registradas no Quadro 2, podemos atestar que *República, da; Bispo Dom José; Ipiranga; Rachid Jaudy; Rosário, do; e Alencastro* são topônimos oficiais consolidados nos dias atuais, não convivendo com nenhum topônimo paralelo, embora os espaços de praças nomeados por eles tenham recebido outras nomeações anteriores.

Situação diversa verifica-se com os topônimos oficiais *Conde de Azambuja* e *Moreira Cabral*, desconhecidos da população, por isso foram substituídos pelos topônimos paralelos *Mandioca, da;* e *Campo do Ourique*, respectivamente. Esses dois topônimos paralelos perpetuaram-se, da fundação das praças aos dias atuais, na memória e na fala da população.

Na toponímia paralela, o elemento genérico predominante é *praça*, entretanto, registramos as ocorrências de beco (*Beco do Candeeiro*); ralinha (*Ralinha do Coronel*); campo (*Campo d'Ourique*); campinho (*Campinho de Areia*); área (*Área de Lazer*); largo (*Largo do Esquadrão*); pracinha (*Pracinha do Santa Helena*); bosque (*Bosque Municipal*) e córrego (*Córrego do Caixão*), dados que demonstram a riqueza de denominações, conforme as diferentes percepções da comunidade circunvizinha das praças de Cuiabá.

Os sintagmas toponímicos supracitados solidificaram dois aspectos do ambiente, um refletido no elemento genérico e outro no elemento específico. Em *Beco do Candeeiro*, por exemplo, apreende-se a característica de um espaço sem saída, no termo genérico *Beco*, e um elemento da cultura material cujo referente não faz mais parte dos usos da localidade, no elemento específico *Candeeiro*. Essa dupla informação ocorre com os demais sintagmas toponímicos.

### Classificação dos topônimos oficiais na nomeação de praças na cidade de Cuiabá/MT

A toponímia oficial é constituída essencialmente por antropotopônimos e axiotopônimos, conforme o quadro a seguir.

Quadro 3 – Classificação dos topônimos oficiais conforme Dick (1990, 1992).

Taxionomias de Natureza Antropocultural	
Taxe Toponímica	Topônimos Oficiais
Acronimotopônimo <sup>4</sup>	Cohab Nova Cuiabá.
Antropotopônimo	Alencastro; Caetano de Albuquerque; Rachid Jaudy; Antônio Correa; Oscar Brandão; João Balduino Curvo; Santos Dumont; Mitsuo Daima; Alice de Lima Grisólia; Ermete Ricci; Sávio Brandão; Tuffk Afif; Manoel Mirágua; Clóvis Cardoso; Manoel Murtinho; Falcãozinho; José Pinto; Mário Augusto de Pinho; Maria Ricci; Luís de Albuquerque; Benjamin Constant; Moreira Cabral; May do Couto; Oscar Soares; Assis Chateaubriand; Teodoro Paulino do Espírito Santo; Francisco Morais de Oliveira; Jaime de Figueiredo; Gonçalo de Almeida Botelho; Ana Poupino; Severino Bispo da Silva; Benjamin Eubank; João Batista de Almeida; Maria Taquara; Mãe Preta.
Axiotopônimo	Doutor Alberto Novis Neves; Dona Euphrosina Ugueney de Mattos; Conde de Azambuja; Visconde de Taunay; Presidente Carlos Luz; General Mallet; Mestre Inácio; Tenente Antônio João Ribeiro; Presidente Eurico Gaspar Dutra; Major João Bueno; Bispo Dom José; Professora Isabel Abalén Sant'ana; Dona Rosinha Galvão; Almirante Barroso; Padre Firmo Pinto Duarte Filho; Padre Sebastião Teixeira de Carvalho.
Hagiotopônimo	Santa Terezinha; Nossa Senhora Auxiliadora; Rosário, do.
Historiotopônimo	República, da; 8 de Abril; Ipiranga.

<sup>4</sup> Em Francisquini (1998 apud SOUSA, 2008, p. 36), encontra-se o acréscimo da taxe dos acronimotopônimos que se aplica aos topônimos formados por siglas como no exemplo de COHAB (Companhia de Habitação Popular).

Sociotopônimo	Lions Internacional; Esportiva Tenente Pedro Moreira; Bandeirantes, dos; Seminário, do; Motoristas, dos.
---------------	--

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A taxionomia dos antropotopônimos é caracterizada pelo emprego do nome individual como técnica de nomeação de acidentes geográficos. Conforme Dick (1992, p. 285), “dentre as taxionomias de natureza antropocultural, sobressaem-se pela expressividade das formações onomásticas” em qualquer porção do território. Nessa categoria, encontram-se topônimos formados por hipocorístico (*Falcãozinho*); prenome + alcunha (*Maria Taquara*); apelido (*Mãe Preta*), que transparecem aspectos de escolha voluntária da população. Os demais antropotopônimos revelam traços de homenagem deliberada por parte da administração do setor a expoentes dos diferentes poderes em âmbito regional e brasileiro.

Entre os axiotopônimos constatamos, além da presença de topônimos que revelam títulos nobiliárquicos, patentes militares, função profissional e de honrarias, bem como o substantivo dona seguido de prenome e sobrenome, refletindo respeito e posse no denominativo. A fé às entidades do catolicismo transparece nos hagiotopônimos, enquanto os historiotopônimos configuram-se como homenagens a eventos históricos de abrangência nacional e à fundação da cidade de Cuiabá.

### Classificação dos topônimos paralelos

A toponímia paralela é mais variada, distribuindo-se por 14 taxionomias, de acordo com o quadro a seguir.

Quadro 4 – Classificação dos topônimos paralelos conforme Dick (1990; 1992).

Taxionomias de Natureza Antropocultural	
Taxe toponímica	Topônimos paralelos
Antropotopônimos	Abel Marques; Dirceu, do.

Axiotopônimos	Sinjão <sup>5</sup> ; Dom Aquino; Dona Eulália; Coronel, do.
Nootopônimos Eufóricos <sup>6</sup>	Boa Morte, da; Facilita, do.
Cronotopônimos	Antigo Caçarola, do.
Corotopônimo	Ourique, do.
Dirrematotopônimo	Cai-Cai, do.
Ergotopônimos	Choppão, do; Farinha, da; Baú, do; Candeeiro, do; Candeeiro, do; Caixão, do.
Hagiotopônimo	Santa Helena, do; São José Operário.
Historiotopônimo	Inconfidência, da.
Sociotopônimo	Rasqueado, do; Esquadrão, do; Polícia Feminina, da; Lazer de; Popular; Arsenal, do; Secretaria de obras, da; Porto do; Municipal.
<b>Taxionomias de Natureza Física</b>	
Fitotopônimos	Mandioca, da;
Hidrotopônimo	Lagoa, da.
Geomorfotopônimo	Jardim Cuiabá.
Litotopônimo	Pedra, da; Areia, da.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Observa-se que, na toponímia paralela, as praças são identificadas pelo nome de um produto da cultura material (*Choppão, do; Farinha, da; Baú, do; Candeeiro, do; Caixão, do*); por um mineral (*Pedra, da; Areia, da*); por elemento de índole vegetal (*Mandioca, da*); por referência a um elemento hídrico (*Lagoa, da*); por um sentimento (*Boa Morte, da; Facilita, do*); por acontecimentos históricos (*Inconfidência, da*); pela fé católica (*Santa Helena, do; São José Operário*); pelos pontos de associação dos moradores e categorias profissionais (*Rasqueado, do; Esquadrão, do; Polícia Feminina, da; Popular; Arsenal, do; Porto, do*), entre outros.

Mesmo os casos de antropotopônimos (*Abel Marques e Dirceu, do*) e de axiotopônimos (*Sinjão; Dom Aquino; Dona Eulália e Coronel, do*) não traduzem traços de idolatria, autolatria, lisonja ou homenagem, mas de gênese espontânea e um vínculo de proprieda-

<sup>5</sup> O topônimo *Sinjão* é formado pela aglutinação do pronome de tratamento *senhor* + o antropônimo João.

<sup>6</sup> Devido aos traços semânticos distintos, Isquerdo (2013) subdividiu a taxionomia dos animotopônimos ou nootopônimos em eufóricos: apresentam traços de uma impressão agradável, otimista, por exemplo: Belo Horizonte (MG); e animotopônimos ou nootopônimos disfóricos: sinalizam uma impressão desagradável, pessimista, por exemplo: Rio Triste (MT).

de, características encontradas na toponímia do Brasil nos idos de 1600. A esse respeito, Dick (1992, p. 295) informa que “na toponímia brasileira, de um modo geral, é constante o aparecimento dessa nomeação anônima, concretizada, às vezes, pelo prenome”, e distinta da nomeação imposta por eventuais detentores do poder.

Conforme Backheuser, Lamego e Gabaglia (1950, p. 166, grifo do autor), “o nome é de linguagem popular e fica propriedade de todos. Aliás, uma designação só se torna verdadeiramente geográfica, quando adquire essa ‘popularidade’. Antes disso, é batismo sem confirmação”. O princípio da popularidade observada pelos autores pode ser aplicado tanto à toponímia oficial quanto à paralela. Se grande parte dos topônimos oficiais não é sequer conhecida pela população, o que, de certa forma, os torna “ilegítimos”, “figurativos”, os topônimos paralelos traduzem a relação que cada falante/usuário estabelece com o ambiente da praça.

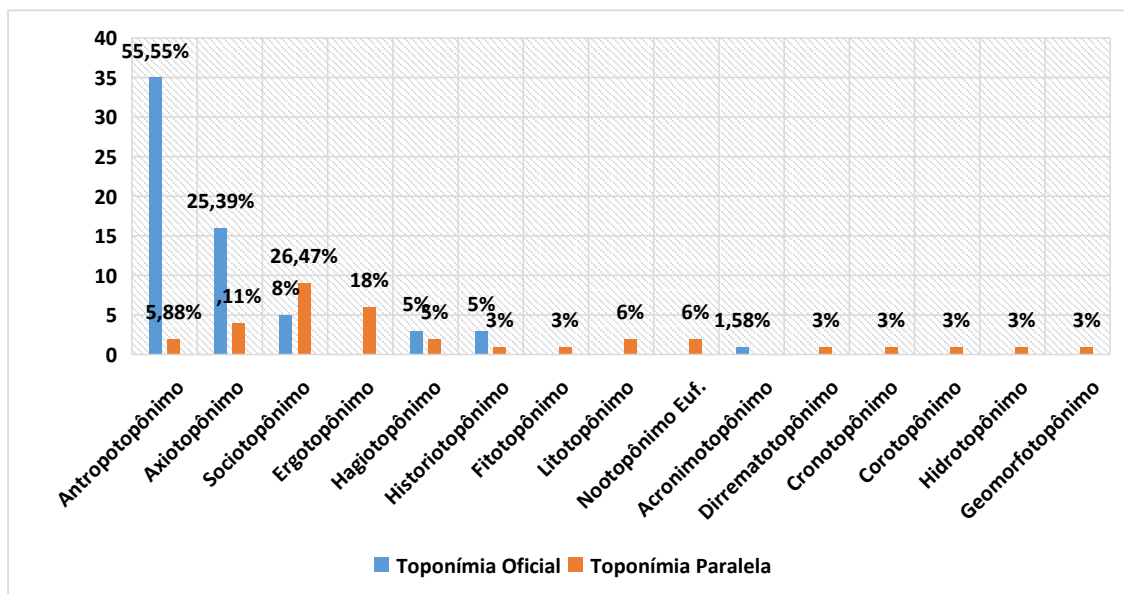
Um exemplo dessa realidade pode ser verificado com os topônimos paralelos *do Dirceu* e *Antiga*, designativos de um mesmo espaço de praça inominado na toponímia oficial, sendo que o primeiro é em decorrência do bar localizado próximo à praça cujo dono chama-se Dirceu e *Antiga* é uma comparação que favorece a distinção com a praça *Lions Internacional*, recentemente urbanizada.

Assim, a ausência da toponímia oficial ou a não identificação semântica com os ambientes de praça, bem como a ausência de um nome paralelo que possa se popularizar, deixam uma lacuna propícia à formação de uma quantidade significativa de topônimos paralelos para um mesmo referente.

### **Produtividade dos topônimos paralelos e oficiais conforme as taxionomias**

Conforme o gráfico a seguir, os 63 topônimos oficiais distribuem-se em seis taxionomias, enquanto os topônimos paralelos em 14.

**Gráfico 1 – Produtividade das taxionomias da Toponímia Oficial e Toponímia Paralela.**



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os topônimos que constam em documentos oficiais em vigor são, em predominância, antropotopônimos 35 (55,55%) e axiotopônimos 16 (25,39%), ficando os demais topônimos divididos em sociotopônimos: cinco (7,93%); hagiotopônimos: três (4,76%); historiotopônimos: três (4,76%) e acronimotopônimos: um (1,58%), totalizando seis categorias taxionômicas.

Não há topônimos de natureza física, mas uma superabundância de antropotopônimos e de axiotopônimos, revelando que a motivação essencial no ato da nomeação é a de homenagear figuras públicas: a) personalidades do campo político que estiveram em ascensão na cidade de Cuiabá, no estado do Mato Grosso e no Brasil e membros de suas famílias: *Presidente Carlos Luz, Presidente Eurico Gaspar Dutra, Assis Chateaubriand, Ana Poupino, Mário Augusto de Pinho, Oscar Soares, José Pinto, Oscar Brandão, Luís de Albuquerque, Manoel Miraglia, Moreira Cabral, João Batista de Almeida, Severino Bispo da Silva, Clóvis Cardoso, Gonçalo de Almeida Botelho, Francisco Moraes de Oliveira, Jaime de Figueiredo*; b) portadores de títulos nobiliárquicos e/ou patentes militares e a membros de suas famílias: *Major João Bueno, Conde de Azambuja, General Mallet, Tenente Antônio João Ribeiro, Almirante Barroso Cae-*

*tano de Albuquerque, Dona Euphrosina Hugueney de Mattos, Visconde de Taunay, Benjamin Constant, Teodoro Paulino do Espírito Santo;* c) atividades profissionais, locais de trabalho e pontos de encontro dos membros de uma comunidade: *Esportiva Tenente Pedro Moreira; Seminário, do; Motoristas, dos; Bandeirantes, dos;* d) categorias profissionais como a dos médicos, dos professores, e jornalistas: *Doutor Alberto Novis Neves, Tuffk Afif, Antônio Correa, Professora Isabel Abalén Sant'ana, May do Couto, Sávio Brandão;* e) personalidades do campo comercial e/ou religioso influentes residentes próximo à praça: *Rachid Jaudy, Alice de Lima Grisólia, Dona Rosinha Galvão, João Balduino Curvo, Benjamin Eubank;* f) imigrantes italianos influentes economicamente em Cuiabá: *Ermete Ricci, Maria Ricci;* g) autoridades religiosas de modo geral e dos santos e a símbolos do catolicismo: *Bispo Dom José, Santa Terezinha, Nossa Senhora Auxiliadora, Padre Sebastião Teixeira de Carvalho, Padre Firmo Pinto Duarte Filho, Mitsuo Daima e Rosário, do;* h) ciência e inventividade: *Santos Dumont;* i) voluntário envolvido na guerra do Paraguai; datas de acontecimentos históricos importantes: *Manoel Murinho, 8 de Abril, Ipiranga e República, da;* j) instituição não governamental para ações sociais de influência mundial: *Lions Internacional;* k) nome de bairro transplantado: *Cohab Nova;* e l) personalidades populares: *Mestre Inácio, Mãe Preta, Maria Taquara e Falcãozinho.*

Em relação aos topônimos paralelos, não há extremos em termos de percentuais de ocorrência: das 14 categorias taxionômicas identificadas, os sociotopônimos foram os mais produtivos com nove (26,47%) ocorrências, seguidos pelos ergotopônimos com seis (17,64%) ocorrências e pelos axiotopônimos com quatro (11,76%) registros.

A toponímia paralela somou cinco nomes que traduzem traços do ambiente físico inclusos nas taxes dos fitotopônimos: *Mandioca, da;* geomorfotopônimo: *Jardim Cuiabá;* dos hidrotopônimos: *Lagoa, da;* e dos litotopônimos: *Pedra, da; Areia, da.*

## Estrutura morfológica



Conforme Amaral e Seide (2020, p. 101), “em português, bem como em muitas outras línguas, não é possível diferenciar os nomes comuns dos nomes próprios por meio de marcas morfológicas. Assim, qualquer palavra ou sequência de palavras pode vir a ser um nome próprio”. As condicionantes, conforme os autores, não são gramaticais, mas socioculturais.

De acordo com o número de unidades lexicais na constituição do elemento específico dos topônimos oficiais, foram identificadas cinco categorias:

1. Elemento genérico + um elemento específico com/sem preposição indicativa de posse: oito ocorrências (12,69%): *Alencastro; Ipiranga; Falcãozinho; República, da; Seminário, do; Motoristas, dos; Rosário, do; e Bandeirantes; dos.*
2. Elemento genérico + dois elementos específicos com/sem preposição indicativa de posse: 27 ocorrências (42,85%): *Rachid Jaudy, Antônio Correa, Conde Azambuja, Oscar Brandão, General Mallet, Santos Dumont, Mitsuo Daima, Mestre Inácio, Tuffk Afif, Ermete Ricci, Sávio Brandão, Manoel Mirágua, Lions Internacional, Clóvis Cardoso, Manoel Murtinho, José Pinto, Maria Ricci, Benjamin Constant, Almirante Barroso, Moreira Cabral, Maria Taquara, Benjamin Eubank, Ana Poupino, Santa Terezinha, Mãe Preta, Oscar Soares e Assis Chateaubriand .*
3. Elemento genérico + três elementos específicos com/sem preposição indicativa de posse: 13 (20,63): *Caetano de Albuquerque, Visconde de Taunay, Presidente Carlos Luz, João Balduino Curvo, 8 de Abril, Cohab Nova Cuiabá, Luís de Albuquerque, Major João Bueno, Nossa Senhora Auxiliadora, Jaime de Figueiredo, May do Couto, Dona Rosinha Galvão e Bispo Dom José.*
4. Elemento genérico + quatro elementos específicos com/sem preposição indicativa de posse: 11 (17,46%): *Doutor Alberto Novis Neves, Alice de Lima Grisólia, Tenente Antônio João Ribeiro, Pres. Eurico Gaspar Dutra, Mário Augusto de Pinho, Esportiva Tenente Pedro Moreira, João Batista de Almeida, Professora Isabel Abalén Sant’ana,*

*Severino Bispo da Silva, Gonçalo de Almeida Botelho e Francisco Moraes de Oliveira.*

5. Elemento genérico + cinco elementos específicos com/sem preposição indicativa de posse: 4 (6, 34%): *Dona Euphrosina Hugueney de Mattos, Padre Sebastião Teixeira de Carvalho, Padre Firmo Pinto Duarte Filho e Teodoro Paulino do Espírito Santo.*

Os topônimos paralelos, por seu turno, classificaram-se em três categorias, conforme a estrutura morfológica do elemento específico:

1. Elemento genérico + um elemento específico com/sem preposição indicativa de posse: 24 (70,58%): *Sinjão: Popular; Cuiabá; Rasqueado, do; Mandioca, da; Esquadrão, do; Choppão, do; Cai-Cai, do; Inconfidência, da; Lagoa, da; Porto, do; Arsenal, do; Pedra, da; Farinha, da; Baú, do; Ourique, do; Coronel, do; Candeeiro, do; Candeeiro, do; Facilita, do; Municipal; Areia, de; Caixão, do; e Dirceu, do.*

2. Elemento genérico + dois elementos específicos com/sem preposição indicativa de posse: sete (20,58%): *Boa Morte, da; Santa Helena, do; Polícia Feminina, da; Antigo Caçarola; Abel Marques; Dom Aquino e Dona Eulália.*

3. Elemento genérico + três elementos específicos com/sem preposição indicativa de posse: três (8,82%): *Secretaria de obras, da; São José Operário.*

Enquanto o padrão de nomeação da toponímia oficial é constituído por antropônimos (*Rachid Jaudy, Antônio Correa*, dentre outros) e substantivo + antropônimos (*Doutor Alberto Novis Neves; Dona Euphrosina Ugueney de Mattos etc.*), na paralela, verifica-se a predominância de nomes formados por preposição indicativa de posse + substantivo (*Rasqueado, do; Esquadrão, do; Polícia Feminina, da; Lazer de; Porto do*, dentre outros).

No panorama geral, 26 (78,78%) dos 34 topônimos paralelos têm na sua estrutura preposições *de, do, da*, refletindo um vínculo de proximidade e de propriedade entre o denominativo e o espaço

nomeado. Nessa conjuntura, pode-se entender que os topônimos paralelos atendem aos imperativos da oralidade, marcada, quase sempre, pela economia de tempo no ato de enunciação.

### Base linguística dos topônimos

Os topônimos paralelos são, em sua totalidade, de base portuguesa, enquanto na toponímia oficial predominam topônimos de base portuguesa 46 (73,01%), também evidenciam formas híbridas: língua portuguesa + língua francesa: seis (9,53%); língua portuguesa + língua italiana: dois (3,17%); língua inglesa + língua portuguesa: um (1,58%); língua portuguesa + língua espanhola: um (1,58%) e língua portuguesa + língua escocesa: um (1,58%). Também figuram no *corpus* topônimos de estrutura simples oriundos de línguas estrangeiras: língua árabe: dois (3,17%); as língua francesa, tupi, guarani, japonesa e italiana contam um (1,58%) para cada língua.

### Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar a toponímia oficial e paralela que nomeia as praças da cidade de Cuiabá em termos de motivação, de língua de origem e de estrutura morfológica, de modo a obter elementos de comparação entre as duas categorias toponímicas. O estudo demonstrou que os topônimos das praças selecionadas alteram de forma significativa, conforme a época, as forças políticas e sociais que estão em vigor. Tanto o elemento genérico quanto o elemento específico passaram por mudanças. Em relação ao elemento genérico, foi identificada a unidade lexical largo que de adjetivo, em algum momento da história da língua portuguesa, mudou de classe morfológica, nomeando espaços públicos abertos. Largo, nome genérico das primeiras praças (1777), não é mais identificado nos documentos oficiais, sendo substituído paulatinamente por jardim, pátio, bosque, área, campo, urbanização e praça.

A toponímia paralela, em virtude de seu caráter espontâneo, genuíno, distancia-se dos traços da lisonja e de homenagem, como

nos exemplos *Rasqueado, do; Beco do Candeeiro; Boa Morte, da; Mandioca, da; Sinjão; Choppão, do; Popular; Cai-Cai, do; Campo do Ourique* etc. Os topônimos paralelos *Facilita e Dirceu* nomeiam espaços inominados na toponímia oficial.

Dentre os topônimos paralelos, situam-se aqueles que convivem simultaneamente com o topônimo oficial como, por exemplo, *Choppão, do; e 8 de Abril*, que são denominativos do mesmo espaço, qual seja, uma das praças mais frequentadas pela população, situada na Regional Oeste da capital.

A toponímia oficial das praças é composta essencialmente por antropotopônimos e axiotopônimos: 51 (80,95%) e revela a influência das forças políticas, militares, religiosas e econômicas na nomeação das praças, marcas também evidenciadas na toponímia geral do país. Em outros casos, o topônimo oficial não é conhecido ou reconhecido pelos moradores, como ocorre com os nomes das praças *Mandioca, da; Popular*, cujos topônimos oficiais são *Conde de Azambuja e Presidente Eurico Gaspar Dutra*, respectivamente.

Os topônimos *Maria Taquara, Mestre Inácio, Falcãozinho, Mãe Preta* apontam para a ascensão de forças populares na toponímia oficial. Nesses casos, o topônimo é registrado por nome e/ou por alcunha, sem a identificação do sobrenome.

Por fim, dos 65 topônimos estudados neste trabalho, 34 (51,64%) apresentam topônimos paralelos. A topônima oficial apresenta topônimos extensos, não evidenciando a intenção de ser falada no cotidiano, função cumprida pela toponímia paralela.

## Referências

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo: Blucher, 2020.

AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*/Caldas Aulete. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

AULETE, Caldas. *Aulete digital*. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008. Disponível em: <http://aulete.com.br>. Acesso em: 21 jul. 2022.

BACKHEUSER, Everardo; LAMEGO, Alberto Ribeiro; GABAGLIA, Raja. TOPONÍMIA: (Suas regras — Sua evolução). *Revista Geográfica*, Cidade do México, n. 25/30, p. 163-195, 1950.

BARRETO, Neila Maria Souza. *Bicas fontes, chafarizes, caixa d'água velha e a água de beber no espaço urbano de Cuiabá (1790-1886)*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2015.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 3. ed. Campinas, SP: Fontes, 1991.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. (org.). *Dicionário Histórico do Português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII*. Araraquara: FCL – UNESP, 2021. Disponível em: <http://dicionarios.fclar.unesp.br>. Acesso em: 10 dez. 2021.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, Araraquara, v. 2, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59660>. Acesso em: 15 nov. 2021.

CARDOSO, Armando Levy. *Toponímia brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

IPDU - Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano. *Composição dos bairros de Cuiabá*. Cuiabá, 2010.

SMDU - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano. *Áreas de praças situadas dentro do perímetro da Av. Miguel Sutil*. Cuiabá, 2009.

IPDU - Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano. *Organização Geopolítica de Cuiabá*. Cuiabá, 2007.

DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux: origine et évolution, villes et villages, pays, cours d'eau, montagnes, lieux-dits*. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DAUZAT, Albert. *La Toponymie Française*. Paris: Payot, 1946.

DICK, Maria Vicentina do Amaral. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo, 1954-1897*. São Paulo: Annablume, 1997.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxeonômicos*. 1980. 351 f. Tese (Doutorado em Linguística e Línguas Orientais- Línguas Indígenas do Brasil) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Fundamentos teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o projeto ATEMIG – Atlas toponímico do estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). *In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 91-117.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/ FFLCH/USP, 1992.

DRUMOND, Carlos. *Contribuição do Bororo à toponímia brasileira*. São Paulo: Editora da USP, 1965.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Monções*. São Paulo: Alfa Omega, 1976.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, Aparecida Negri. O nome do município. Um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia sul-mato-grossense. *Prolíngua*,

João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 34-52, dez. 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/21480485-O-nome-do-municipio-um-estudo-etnolinguistico-e-socio-historico-na-toponimia-sul-mato-grosense.html>. Acesso em: 10 maio 2021.

ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. Apresentação. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2 ed. Campo Grande: EdUFMS, 2001. p. 9-11.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A motivação toponímica: algumas reflexões. In: SELLA, Aparecida Feola; CORBARI, Clarice Cristina; BIDARRA, Jorge. (org.). *Pesquisas sobre Léxico: reflexões teóricas e aplicação*. 1 ed. Campinas, SP; Cascavel, PR: Pontes; Edunioeste, 2013. v. 26, p. 81-96.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. Memória lida no Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1901. Disponível em: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Asampaio-1901-tupi/sampaio\\_1901\\_tupi.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Asampaio-1901-tupi/sampaio_1901_tupi.pdf). Acesso em: 30 ago. 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SOUSA, Alexandre Melo de. Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira: Gênese e Trajetória. ÍCONE - *Revista de Letras*, São Luís de Montes Belos, v. 2, n. 2, p. 31-42, jul. 2008. Disponível em: <http://www.slmb.ueg.br/iconeletras>. Acesso em: 28 ago. 2021.

VIEIRA, Zara Peixoto. *Estudo Onomástico do Município de Socorro: reconstituição dos antropônimos e da memória da imigração*. 2000. 196 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2000.